círculo

um projeto

círculo

(latim circulus, -i, figura circular, anel)

substantivo masculino

1. Figura plana cuja periferia, circunferência, está toda a igual distância do seu centro.

2. [Por extensão] Circunferência.

3. Nome genérico dos objectos circulares, como anéis, arcos de pipa, etc.

4. Circunscrição eleitoral que nomeia um ou mais deputados.

5. Andamento em torno.

6. [Figurado] Extensão, área, limite.

7. Conjunto de pessoas que partilham interesses ou actividades.

8. Grémio, clube, associação.

9. Conjunto de pessoas que está habitualmente junto de outra (ex.: círculo familiar, círculo pessoal).

"circulo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, https://dicionario.priberam.org/circulo [consultado em 22-08-2019].

com, por, para

Diversas associações, participantes, facilitadores e cuidadores fazem parte deste círculo.

Agradecemos profundamente a cada um.

ASSOL -grupo I
Ângelo Sousa
António Pereira
António Serra
Carla Martinho
Carla Prazeres
Cidália Coval
Deolinda Santos
Guilherme Oliveira
João Bonjour
José Lourenço
José Lourenço
João Carlos Ferreira
Mário Serrano
Manuela Tavares
Paulo Alexandre

ASSOL -grupo II
António Figueiredo
Cristina Rodrigues
Francisco Ferreira
Marcelo Figueiral
Mónica Duarte
Nuno Fernandes

GAPRIC Viseu
Bruno Consciência
Helena Oliveira
Henrique Girão
Inês Brás
Juliana Rabelo

GAPRIC Viseu
Alexandre Almeida
Ana Isabel Soares
Ana Sofia Palhares
Sara Filipa Almeida
Eduardo Mata
Francisco Saldanha
José Carlos Coelho
José Pedro Batista
Mara Leonor Loureiro
Nuno Rafael Augusto
Raul Costa
Sandra Ferreira
Sara Filipa Almeida

Técnicos ASSOL
Anja Masteling
Carmen Almeida
Luciana Pinto
Pancho Azevedo
Raquel Antunes

APECV
Angela Saldanha
Célia Ferreira
Sandra Gouveia
Teresa Eça

GAPRIC \ AVISPT21
Eulália Albuquerque
Helena Mata

GAPRIC \ ASSOL
Rita Carvalho

Alunas da ESEV
Ana Margarida
Cláudia Assis
Margarida Silva.
Paola Guatura
Paula Duarte

Avaliação
Carolina Mata
Catarina Martins

Encadernação
Matias Pancho

E-portfolio
Mariana Gonçalves

Fanzine
Estrella Luna

Fotografia
Raquel Balsa

Serigrafia
Juliana Ferreira

Som
Sérgio Vilela

Tipografia
Carlos Sousa

Círculo:
um projeto, um artigo, seis contributos.

Teresa Eça & Raquel Balsa
Textos de Estrella Luna, Carolina Mata, Catarina Martins, Mariana Gonçalves, Matias Pancho, Sérgio Dias.

Resumo

O artigo foca questões relacionadas com a educação artística e práticas artísticas em comunidades de participantes com deficiência. As artes como possibilidade de tornar visíveis as vozes ocultas de pessoas com doenças mentais, uma breve visão geral de algumas pesquisas que cruzam os campos da educação artística e estudos sobre deficiência; seguido da descrição e discussão das descobertas e impressões sensíveis que o projeto Circle of competences for community work with adults (CIRCLE) permitiu.

1 | Projetos de Artes participativos: um terceiro espaço para o companheirismo

1.1 | Representação Visual como o outro

Algumas representações de deficiência, especialmente de doenças mentais, foram tristemente disseminadas promulgando imagens negativas de pessoas, e esses retratos contribuem significativamente para os efeitos prejudiciais da estigmatização promovendo o medo do outro. De acordo com Jennifer Eisenhauer Richardson, tal reflete o desejo de controlar a doença mental e proteger os limites de uma suposta normalidade. A representação coletiva da doença mental compõe-se de imagens repetidas e ideias estereotipadas que podem ser identificadas nas obras de arte do século XVI, bem como na cultura popular contemporânea (Richardson, 2018, p. 14). A forma como a sociedade trata as pessoas com doenças mentais também pode ser traçada através da história da arte, como Michel Foucault (1988/1965) apontou como na pintura "ship of Fools" de Hieronymus Bosch, ou como uma alteridade ou ser estranho numa instituição fechada ou asilo tal como na série de "engravings" de Hogarth (1735/1763). Como Foucault (1988/1965) descreveu,

> "A loucura tornou-se algo para ser observado: não mais um monstro dentro do ser, mas um animal com mecanismos estranhos, uma bestialidade da qual o homem há muito havia sido suprimido" (p. 70).

No século XVIII, os escritores procuravam formas visuais para categorizar doenças que tinham problemas em compreender ou aceitar. "Essays on Physiognomy" de Lavater foi um exemplo de tais publicações ilustradas. Com outro tipo e estilo de representação o artista Theodore Gericault criou retratos impressionantes de 10 pacientes em *La Salpêtrière* entre 1821-1824, nos retratos, Gericault, sendo um grande pintor, conseguiu captar um sentido de humanidade e desespero, quase um gesto de amor.

Na era dos *media* fotográficos, a ilustração médica usou a fotografia para tentar capturar traços físicos que permitissem identificar diferentes doenças mentais, por exemplo, as fotografias de Hugh

Diamond, que fotografou os seus pacientes na década de 1850 no *Surrey County Lunatic Asylum* em Springfield, Inglaterra ou Jean-Martin Charcot fotografias de mulheres diagnosticadas como histéricas no *La Salpêtrière* em Paris, França.
A cultura *media* visual promoveu e ainda produz um retrato negativo da doença mental, encorajando a rejeição de tal tipo de alteridade.

Como apontado por Lawson & Fouts (2004) no seu estudo sobre os personagens da *Disney*

> "Estas referências eram comummente usadas para segregar, alienar e denotar o *status* inferior do(s) personagem(ns) a que se referiam" (p. 312).

A representação dos outros muitas vezes influencia a maneira como vemos e aceitamos o outro, não podemos aceitar ou valorizar alguém que é representado visualmente de maneira negativa na cultura dos *media*. E pode ser um passo crucial para a inclusão a questão da representação visual daqueles que são frequentemente representados nas margens das "normas". Para Jennifer Eisenhauer Richardson "a Educação Artística pode tornar-se um *espaço* importante para desafiar questões de estereótipos, preconceitos e discriminação." (Richardson, 2018, 17), ela recomenda que os educadores de arte promovam processos de reflexão crítica sobre representações históricas e contemporâneas de 'normalidade' e doença mental para desafiar a alimentação e perpetuação de estereótipos de doença.

1.2 | Representações do Eu

No século XIX, a arte foi reconhecida como uma ferramenta de diagnóstico para determinar a não-funcionalidade e a psicopatologia (Derby 2011, 95). Mas os desenhos produzidos por pessoas diagnosticadas com doenças mentais também foram objeto de estudo de artistas, não para propósitos médicos, mas pelas suas qualidades estéticas. Artistas do século XX como Jean Dubuffet e outros do movimento "Art Brut" foram os primeiros a valorizar obras de artes visuais criadas por pessoas diagnosticadas com doenças mentais.

Na exposição "La Folie en tête" na *Maison de Victor Hugo*, em Paris, de novembro de 2017 a março de 2018, estiverem patentes as obras de artistas que sofrem de doenças mentais, recolhidas por psiquiatras interessados no limite entre arte e terapia. Os curadores selecionaram quatro coleções: coleção *Dr. Browne* (Crichton Royal Hospital, na Escócia), coleção *Dr. Auguste Marie* (Asilo de Villejuif, França); coleção *Walter Morgenthaler* (Asilo de Waldau na Suíça) e a coleção *Prinzhorn* do Hospital da Universidade de Heidelberg na Alemanha. O interesse dos médicos na arte de seus pacientes foi talvez o primeiro passo para tornar visíveis as narrativas visuais das pessoas com doenças mentais. Criando espaço para a criação artística em hospitais; asilos; clínicas psiquiátricas; a equipa médica explorou formas alternativas de conhecer mais sobre seus pacientes e desenvolver atividades de lazer que pareciam ter resultados positivos em alguns tratamentos. Não vamos aprofundar aqui aspectos das experiências iniciais de terapia artística que foram desenvolvidos dado que não somos especialistas nesse campo. Vamos antes concentrar-nos no valor das criações de arte; desenhos, esculturas; bordados, colagens, etc.; como representações de pessoas que vivem nas margens por condições mentais ou físicas. Tais representações genuínas mostram sentimentos pessoais, intensos e sensíveis e maneiras precisas de ver o mundo. Vozes escondidas que contam histórias de vida.

1.3 | Vozes de artistas

Vamos debruçar-nos sobre o trabalho do artista brasileiro Arthur Bispo do Rosário nascido em Japaratuba, Sergipe, Brasil por volta de 1910. Diagnosticado com esquizofrenia, morou 50 anos numa instituição psiquiátrica no Rio de Janeiro, onde criou obras de arte com objetos encontrados. Suas obras ganharam reconhecimento entre os críticos de arte quando foram exibidas pela primeira vez na Bienal de Veneza em 1995. Ele nunca teve acesso a "formação artística", ingressou na Marinha em 1925 trabalhando depois como boxeador e faz-tudo. Entre 1933 e1937, trabalhou em transportes na cidade do Rio de Janeiro e como trabalhador doméstico.
Durante os muitos anos em que viveu no hospital psiquiátrico, com a ajuda de um dos médicos, teve a oportunidade de aprender, experimentar e explorar técnicas como a assemblage e bordados.

Estas condições fizeram toda a diferença. É claro que existem outros artistas conhecidos que viveram por longos períodos de tempo em instituições psiquiátricas como, por exemplo, Yayoi Kusama, nascido em 1929, formado na Escola de Artes e Ofícios de Kyoto. Mas Arthur Bispo do Rosário, não era artista, tornou-se artista porque alguém no hospital onde morava lhe deu a oportunidade de se expressar através da arte. Suas obras não são apreciadas porque o autor sofria de esquizofrenia, mas sim por causa de sua alta qualidade estética. Como Arthur Bispo do Rosário, outras pessoas com deficiência podem ser excelentes artistas ou artesãos se tiverem a oportunidade de tentar e de produzir obras visíveis para os outros.

1.4 | Educação Artística e Estudos sobre deficiência

Entendemos que os termos tradicionais usados na educação como necessidades especiais ou deficiência encapsulam significados muito fortes de rejeição do outro quando o outro é diferente da norma. Também o termo inclusão, " com suas múltiplas ideologias e significados subjacentes, muitas vezes obscurece as relações de poder históricas e problemáticas" (Wexler, 2016, 37). No entanto, usaremos o termo inclusão neste artigo, pois não encontramos, de momento, um melhor na literatura, mesmo que na maioria dos casos as estratégias educacionais inclusivas excluam a participação plena num sistema no qual as pessoas envolvidas têm uma representação limitada. como Alice Wexler descreveu em seu artigo Reimaginando a inclusão / exclusão (Wexler, 2016).

> "Como um campo progressivo, a educação artística deve prestar mais atenção aos estudos e outras medidas de auto-ativismo acerca de deficiências no que toca à educação especial. Os educadores de arte devem canalizar o seu esforço para pesquisas inovadoras que intersectam as perspectivas de estudantes com deficiência, artistas e educadores com a Educação Especial, bem como com as que intersectam questões de identidade. Está na hora do nosso campo reconhecer a dignidade das pessoas com deficiência e a validade do nosso modo de ser. "(Derby, 2013, 380).

Como em outras áreas da educação, em contextos formais e não formais, existe um interesse crescente em estudos sobre deficiência e estratégias para promover a inclusão social com comunidades vulneráveis.

Nas escolas, somos desafiados a revisitar as formas tradicionais de operacionalizar o currículo para encontrar mais flexibilidade e incluir os alunos com deficiências, reconhecendo suas capacidades únicas.

As comunidades estão ansiosas por mais atividades educacionais de aprendizagem ao longo da vida para os participantes que são frequentemente deixados de fora do *mainstream* cultural. Mas nem sempre é sem polêmica. Podemos agora criticar a linguagem usada na arteterapia, e especialmente na educação especial, quando se fala de alunos com "necessidades especiais", uma vez que discrimina as pessoas designadas com o rótulo de "necessidades especiais" (Derby 2011). Para Blandy, a educação artística deveria ter um propósito socialmente transformador e reconstrutivo (Blandy 1994, 179 e 181).

Nos congressos da International Society of Education through Art (InSEA) reconhece-se uma clara nova direção para a contribuição das artes nos projetos educacionais inclusivos; há um número considerável de projetos construídos por equipas educativas em museus; educadores e professores nas escolas; pesquisadores em universidades e artistas e assistentes sociais em organizações sem fins lucrativos.

Por exemplo, a tese de Mimmu Rankanen encontrou uma mudança qualitativa na produção artística, movimentando-se do controle cognitivo para o processamento lúdico espontâneo, que pode ser significativo para ajudar a transformar experiências antes dolorosas e para aumentar os recursos de autorregulação (Rankanem, 2016).

Ivona Mandic, membro da InSEA da Croácia, no seu ensaio visual para a revista IMAG # 1, descreveu uma exposição educacional interativa para ser percebida com vários sentidos (visão, tato, audição, olfato) com o objetivo de integrar pessoas cegas na cultura e vida social da comunidade. O resultado de seu estudo foi um *belo* vídeo[1] que ilustra formas não-visuais

de perceber objetos de artes plásticas (Mandic, 2014). Tais reflexões sublinham a necessidade de ser sensível a todos os tipos de percepção através dos sentidos e não confiar apenas num deles. Visual; áudio; e formas cinéticas de perceber também são formas de conectar pessoas. Mira Khalio-Tavin (2013) desenvolveu um projeto colaborativo artístico e artístico-educacional com uma pessoa com autismo e um pedagogo de arte. Em seu estudo, Mira explorou a relação com a teoria através da prática proporcionando um encontro pedagógico entre os participantes, sua posição não era definir ou conhecer o outro, mas sim aprender a partir de e com ele / ela. Ela argumentou que a noção de pedagogia de arte dialógica deve ser redefinida de modo a ser útil em diversos contextos, tais como o de deficiência.

> "Precisamos de reconhecer as premissas filosóficas da pedagogia sem tentar resolver questões práticas ao visar criar certas condições dialógicas. O diálogo não pode ser um objetivo em si, porque o diálogo não pode ser forçado - acontece se acontecer[...], grande parte da confusão pedagógica que os filósofos da educação enfrentam ocorre porque estes significados, princípios e atos ocultos não são reconhecidos. É responsabilidade do professor reconhecê-los no 'eu', ou pelo menos reconhecer que algo assim existe no 'eu' e no 'outro'. A diferença entre os dois é que o 'eu' não tem controle sobre o 'Outro'. Portanto, o 'eu' só pode influenciar as suas próprias ações e emoções. "(Khalio-Tavin, 2013, 150).

1.5 | Um terceiro espaço para encontrar o(s) outro(s)

De uma perspectiva participativa, as artes oferecem diversas ferramentas para o envolvimento com o outro. No caso das artes visuais, onde temos experimentado encontros e situações de aprendizagem coletiva, espaços dialógicos podem ser criados, fomentando o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades. Permitindo o que Brent Wilson chamou de um terceiro espaço para relacionamentos através da imaginação; afeição; e o estarmos juntos nas margens (Wilson, 2008). E neste "estar junto", não importa o que aconteça, é o terceiro espaço. Às vezes, nada acontece, e está bem assim, porque estarmos juntos no mesmo espaço e ao mesmo tempo é o começo de uma comunicação. Quando vemos o outro tomando o espaço para falar, para tocar o instrumento musical por cima da mesa, para contar uma história, para cantar; ou, para não dizer nada, está tudo bem, porque partilhamos um *momentum*, e pode ser uma situação artística ou, em outras palavras, uma ação artística. E, portanto, uma ação artística pode conectar pessoas.

1.6 | ASSOL - aprender COM, PELO E PARA o Outro

Existem instituições onde pessoas com deficiências estão envolvidas em atividades artísticas e artesanais numa atmosfera calma, promovendo o sentido de ser útil. Uma delas é uma organização de solidariedade em Portugal chamada Associação de Solidariedade Social de Lafões (ASSOL). Na ASSOL, os cuidadores usam uma metodologia baseada no "ensino gentil", defendendo o amor e o afeto como sendo a melhor terapia. A comunidade *Gentle Teaching*[2] é uma parceria internacional para desenvolver Mentores e Treinadores de acordo com seus métodos. O seu foco é fortalecer o companheirismo e a comunidade para todos aqueles a quem servem - crianças, adultos e famílias que sofrem com doenças mentais, com deficiências, sem-abrigo, com vícios ou envolvimento com o sistema de justiça criminal.

> "Companheirismo é a pedra angular de uma prática de Ensino Gentil, criando conexões humanas significativas entre a pessoa e o cuidador. A aceitação incondicional e a presença gentil desse relacionamento estabelecem confiança e cultivam a mútua aprendizagem e crescimento, juntos."(Van de Siepkamp; McCrovitz; Vincent, 2018).

Aprendemos, assim, sobre o companheirismo através da prática do cuidador.

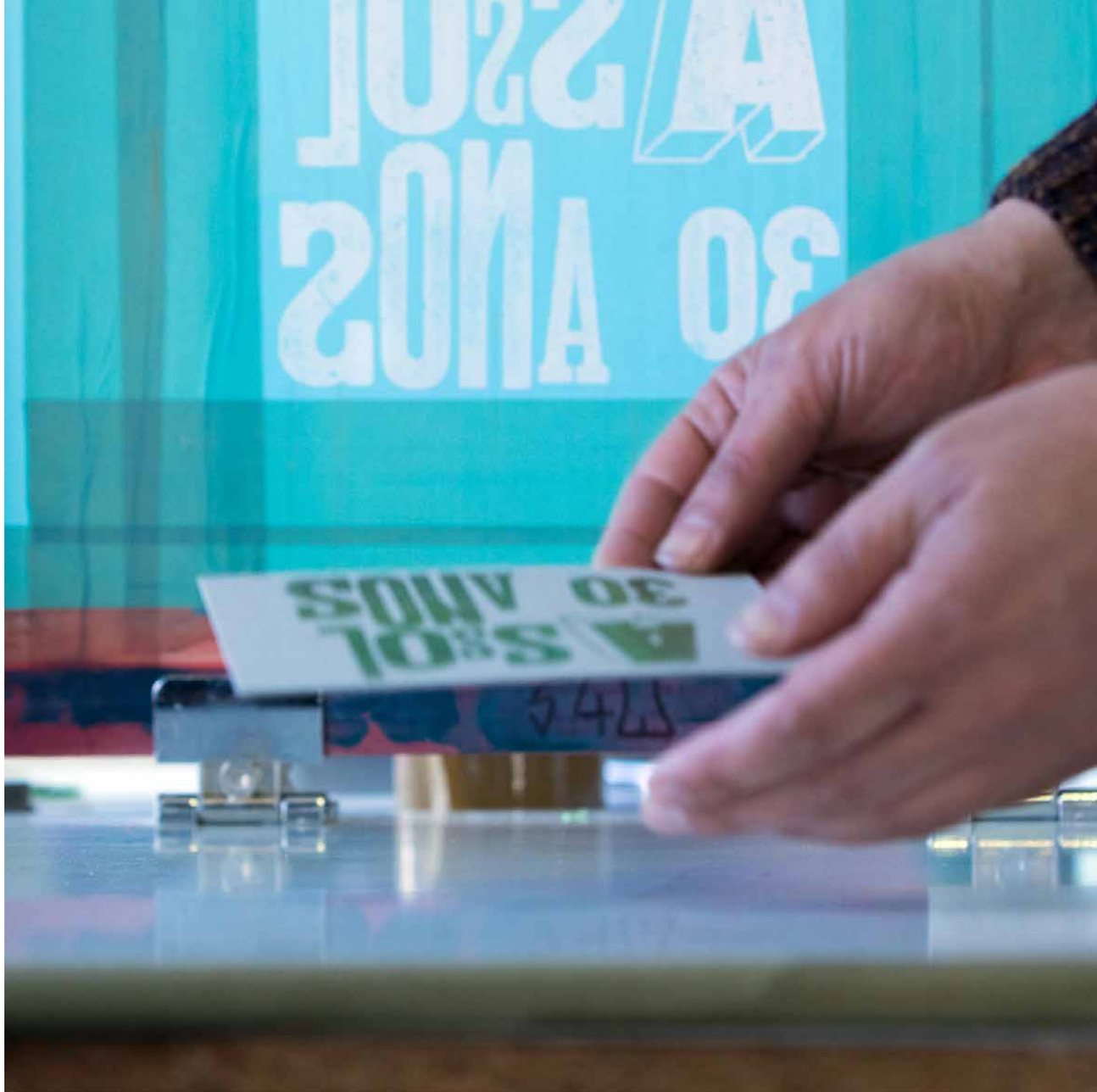
Os cuidadores estão na fundação da mudança pessoal e social, que começa "(...) com o calor que (...)" transmitem (McGee, 2007). Agregadores de uma rede que traz "(...) aqueles

> **Fig.1** Fotografia tirada durante a oficina *Experimentar a Serigrafia* com Carlos Sousa e Juliana Ferreira, na ASSOL em Oliveira de Frades.

que são os mais empurrados para as margens (...)" (McGee, 2007) para o coração da mudança e da pertença. Estão comprometidos com esta mudança que se foca em quatro sentimentos essenciais: segurança, amor, capacidade de amar, envolvimento na vida da comunidade (os pilares da pedagogia da interdependência).
A amabilidade não tem aqui um sentido superficial de conduta respeitosa ou simpática mas de uma confiança mutuamente transformadora, de um processo que implica uma entrega incondicional.
Para trazer ao centro e envolver quem está nas margens a Pedagogia da Interdependência assume o cuidador como ferramenta que usa a sua " (...) presença, as suas palavras, as suas mãos e os seus olhos." (McGee, 2007).

1.7 | ASSOL e a encadernação

Na ASSOL a oficina de encadernação é um espaço que nasce com a instituição e onde se reunem os seus participantes para criar. É um dos ateliers de encadernação artesanal de Portugal, com marca própria (devagarseencadernalonge), responde a encomendas diversas de projetos gráficos e de encadernação no país.
A pertença e capacitação fundada neste projeto de grupo, reconhecido, com uma enorme qualidade gráfica e de produto, é nuclearmente inspiradora, motivadora e enaltecedora. A confiança de cada participante projeta-se no grupo, no cuidador e novamente em cada indivíduo, numa espiral contínua de valorização e aprendizagem. O cuidador tem um papel central, imbuindo-se dos sentimentos essenciais que se ensinam pelo exemplo, no fazer.
Há muitos anos que a Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV) tem colaborado com os cuidadores da ASSOL, em especial com Matias Pancho, o facilitador e criador da oficina de encadernação[3]. Nas frequentes visitas à oficina, observamos uma cultura de esperança através do amor incondicional e do respeito pelo outro. Muitas atividades realizadas na instituição ajudam os participantes a encontrarem, juntos, significados e a criar novas memórias através de práticas artísticas que promovem um sentimento de pertença.
Aprendemos muitos com os cuidadores em ASSOL, a primeira lição foi não esperar nada;



Matias Pancho geralmente diz-nos para estarmos abertos aos resultados da prática, seja qual for. Essa é a consequência do amor incondicional e do respeito pelo outro. Como Mira Khalio-Tavin disse: o diálogo não pode ser um objetivo em si, porque o diálogo não pode ser forçado.

1.7.1 ASSOL - cadernos colaborativos

Durante o projeto internacional "collaborative books" ativistas do grupo C3[4] convidaram o grupo de encadernação para criar os cadernos. Na oficina, estão sempre ansiosos por se envolverem em novos desafios como este, curiosos sobre os livros que criaram, desejosos de saber onde e como os cadernos que passavam de mão em mão estavam a ser preenchidos. O grupo da ASSOL também criou o seu caderno colaborativo, estando, assim, completamente imersos como participantes do projeto. Pedimos ao Sr. Simões, participante da oficina de encadernação, que desenhasse a capa da série de cadernos. O Sr. Simões já não é capaz de produzir novos desenhos, mas suas imagens poderosas serão lembradas por mais de 400 pessoas nos cinco continentes do mundo, as que participaram no projeto de livros colaborativos.
Com este primeiro projeto com a ASSOL, percebemos a própria essência de aprender e colaborar através das artes, não se trata de mudar o outro, mas de um processo de desenvolvimento mútuo e interdependente onde o artista, pesquisador, educador e os cuidadores dão o primeiro passo convidando os outros a envolverem-se num relacionamento através da arte. O envolvimento no fazer, juntos, seja artesanato ou trabalhos artísticos, cria um sentimento de pertença a essa comunidade. Pode ser um terceiro espaço onde a educação com adultos se torna ativismo artístico.

> **Fig.2** Desenho da capa de cada "collaborative book" por M. Simões.

> **Fig.3** Na oficina *Fanzine* com Estrella Luna, na ASSOL em Oliveira de Frades.

1.8 | Projeto CIRCLE

Em 2018- 2019, estivemos envolvidos num projeto financiado pela Comunidade Europeia: "Circle of competences for community work with adults". O projeto centrou-se no desenvolvimento de competências básicas e competências-chave para adultos, através de um sistema de ação que começa com o aperfeiçoamento das competências dos educadores e através deles chega a alunos adultos com menos oportunidades nos quatro países parceiros através de quatro organizações (Arci Catania - Sicília-Itália; UPI Zalec - Eslovénia; Hors Pistes - França e APECV - Portugal). Vinte Educadores, dos quatro países, e com diferentes perfis profissionais, estavam envolvidos na recolha e partilha de boas práticas e ferramentas para facilitar e reconhecer as conquistas de seus alunos durante 2018.

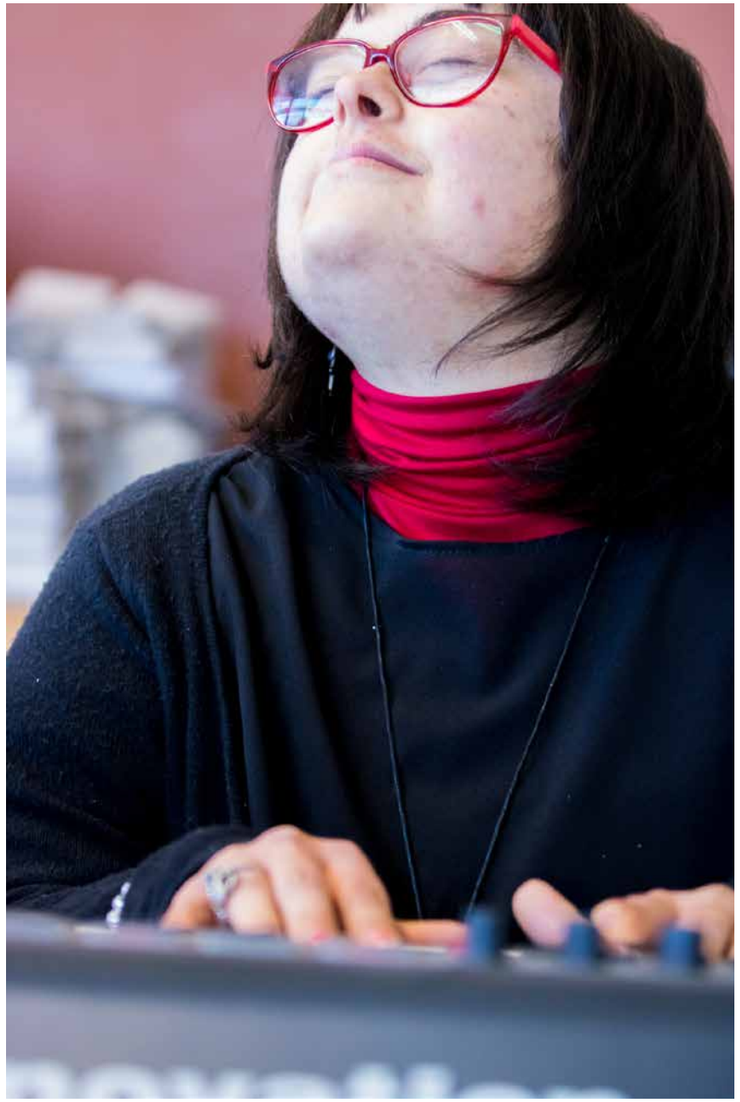
Em Portugal, a APECV decidiu propor trabalhar com pessoas com deficiências e convidou a ASSOL para colaborar no projeto. Também convidou seis facilitadores para serem treinados em educação para adultos. A equipa central contou com 13 pessoas (coordenadores e facilitadores de várias áreas) apoiada por diversos colaboradores (da ASSOL e da AVISPT21 - Associação de Viseu de Portadores de Trissomia 21). As oficinas decorreram com dois grupos (de Viseu e Oliveira de Frades) entre janeiro e março de 2019.

Para preparar as oficinas realizámos entrevistas a grupos de foco com oito pessoas da ASSOL (a 02-05-2018), os resultados da entrevista mostraram que os participantes valorizavam as seguintes competências nos facilitadores: Gentileza, amizade, ser uma boa pessoa (simpática); e ser:

-Capaz de ajudar;
-Capaz de brincar;
-Capaz de aprender;
-Atento, observador, alerta;
-Bem informado;
-Capaz de ensinar novas ideias, fazer coisas;
-Capaz de dar feedback (corrigir os erros dos alunos);

Foi interessante descobrir que para eles o companheirismo era tão valorizado (comermos juntos, brincarmos juntos, aprendermos juntos).

> **Fig.4** Na oficina *Mosaicos Sonoros* com Sérgio Dias, na ASSOL em Oliveira de Frades.



Discutimos os resultados das entrevistas com os facilitadores, para que eles pudessem planear as suas oficinas e estarem preparados para estabelecer um bom relacionamento com o grupo.

Os facilitadores foram: Matias Pancho, que orientou oficinas sobre encadernação;
Carlos Sousa, que orientou oficinas sobre tipografia(experimentar a tipografia); Juliana Ferreira com uma oficina de serigrafia (experimentar a serigrafia); Sergio Vilela com uma oficina sobre experimentação sonora (mosaicos sonoros); Estrella Luna com uma oficina sobre fanzines e Mariana Gonçalves que conduziu uma oficina sobre como fazer um e-portfolio.

1.9 | O CÍRCULO - segurança e amor

1.9.1 A PRESENÇA - tempo e aceitação.

A presença do cuidador é uma afirmação, um assegurar de amabilidade e segurança.
Esta, enquanto símbolo e veículo de aceitação abarca o cuidador por inteiro, no sentido da presença total (em corpo, atenção e sem expectativas: aberto, disponível), atenta, a sua entrega inteira refletida como anuncio de tranquilidade e apoio, e no sentido do estar naquele momento, ancorado no agora, numa consciente dádiva inteira e completa daquele tempo.
Durante o CIRCLE, a presença foi sendo sentida, foi sendo feita, agudizada no agora, no fazer, no experimentar, no partilhar. Começou no próprio encontro. Na sintonia da ausência de medo, na confiança do encontro. Uma das dimensões que se acrescenta e exponencial ao processo do CIRCLE é o de este ser um espaço de encontro de pessoas já com laços criados, um rever de amigos, de afinidades. O início de cada sessão é um cumprimento ao reencontro, uma partilha do plano pessoal, de experiências trocadas, das saudades, das novidades, do diálogo alimentado pela continuidade de interesses explorados. Ao longo dos vários meses de oficinas foram aprendidos interesses mais particulares de cada participante, revelaram-se vocações e vontades que passaram a fazer parte deste ritual de encontro.
Também com os cuidadores os grupos tinham já diversos níveis de confiança estabelecidos.

> **Fig.5** Na oficina *Mosaicos Sonoros* com Sérgio Dias, na ASSOL em Oliveira de Frades.

1.9.2 AS PALAVRAS - vagarosas e calorosas.

As palavras inspiram e asseguram. Cada oficina foi adaptada à sua área e na sua maioria partiram de partilha de informação sobre a técnica e exemplos, demonstrações, seguidas de uma sugestão ou questão propositora que serviu como incentivo à exploração e experimentalismo ora individual ora em grupo apoiada de perto pelos diversos cuidadores. O incentivo vivo e interessado dos cuidadores no processo de exploração de cada participante foi tocante e determinante na criação de memórias e superações. As palavras trocadas, faladas, escritas ou cantadas, manifestam os resultados do CIRCLE, a interação que envolve e se fez das memórias e caminhos de cada um (de que é exemplo a representação do caminho de casa até á ASSOL em que os sons e elos partilhados se tornaram visíveis), a partilha de palavras salvíficas para cada um para que o outro as possa também usar (como aconteceu com as músicas partilhadas que são escutadas quando é preciso um encorajamento), que gerou sorrisos desprendidos, criações artísticas tocadas com orgulho (quando as criações foram fotografadas: cada um enquadrando-as para o registo em revelação do seu ânimo).

1.9.3 AS MÃOS - casa e comunidade.

As oficinas permitem criar redes de imagens que entrelaçam todos os participantes.
Os produtos resultantes têm uma função e são integrados nas necessidades da comunidade (como os cadernos personalizados e a comunicação dos 30 anos da ASSOL).
Para além do reconhecimento afetuoso e amigável do outro que o toque permite, as mãos constroem ativamente o sentido de comunidade.

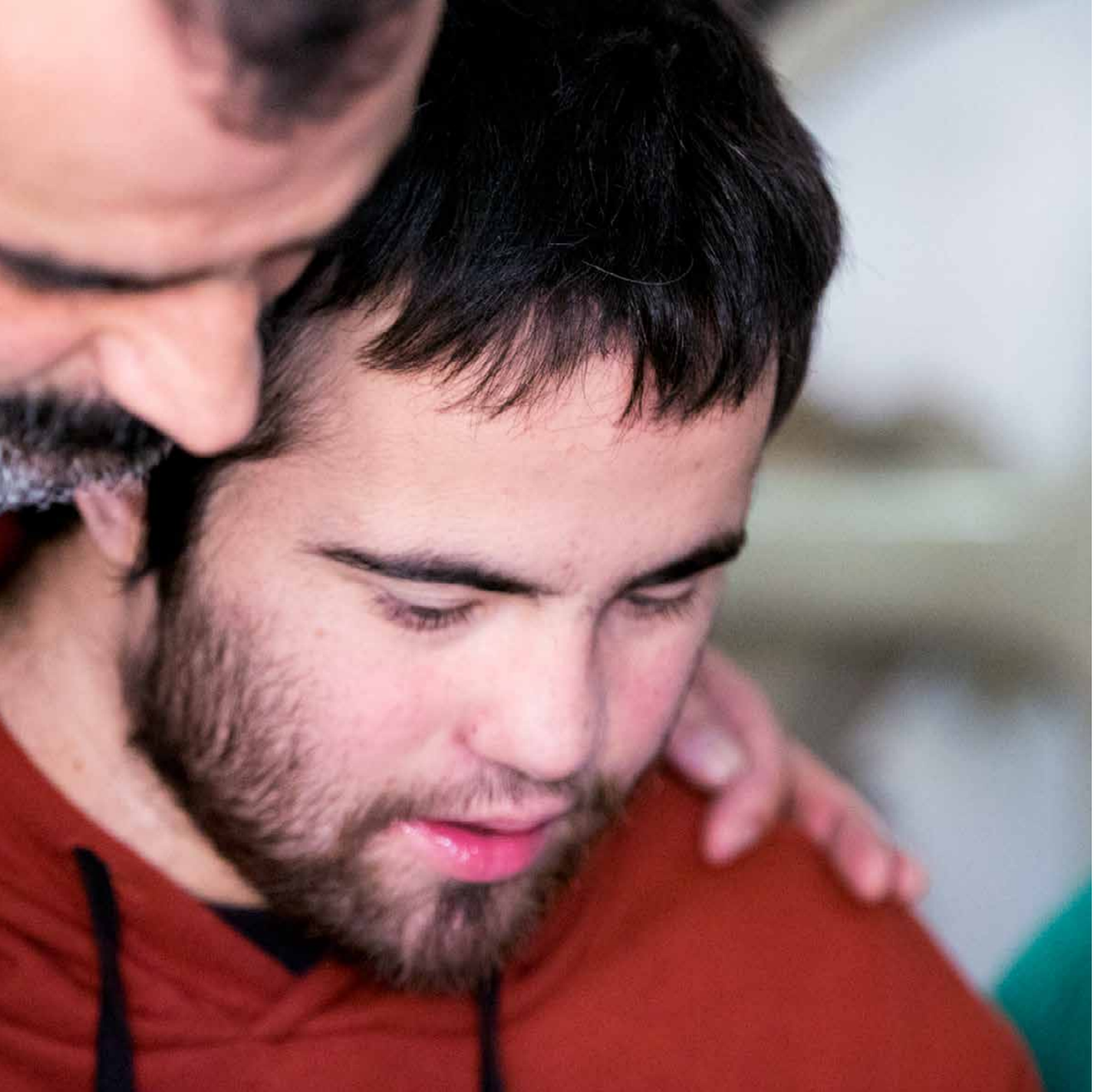
> **Fig.6** Na oficina *Mosaicos Sonoros* com Sérgio Dias, na ASSOL em Oliveira de Frades.

> **Fig.7** Na oficina *Encadernação* com Matias Pancho, na Centro Ponto Arte (CPA) emViseu.

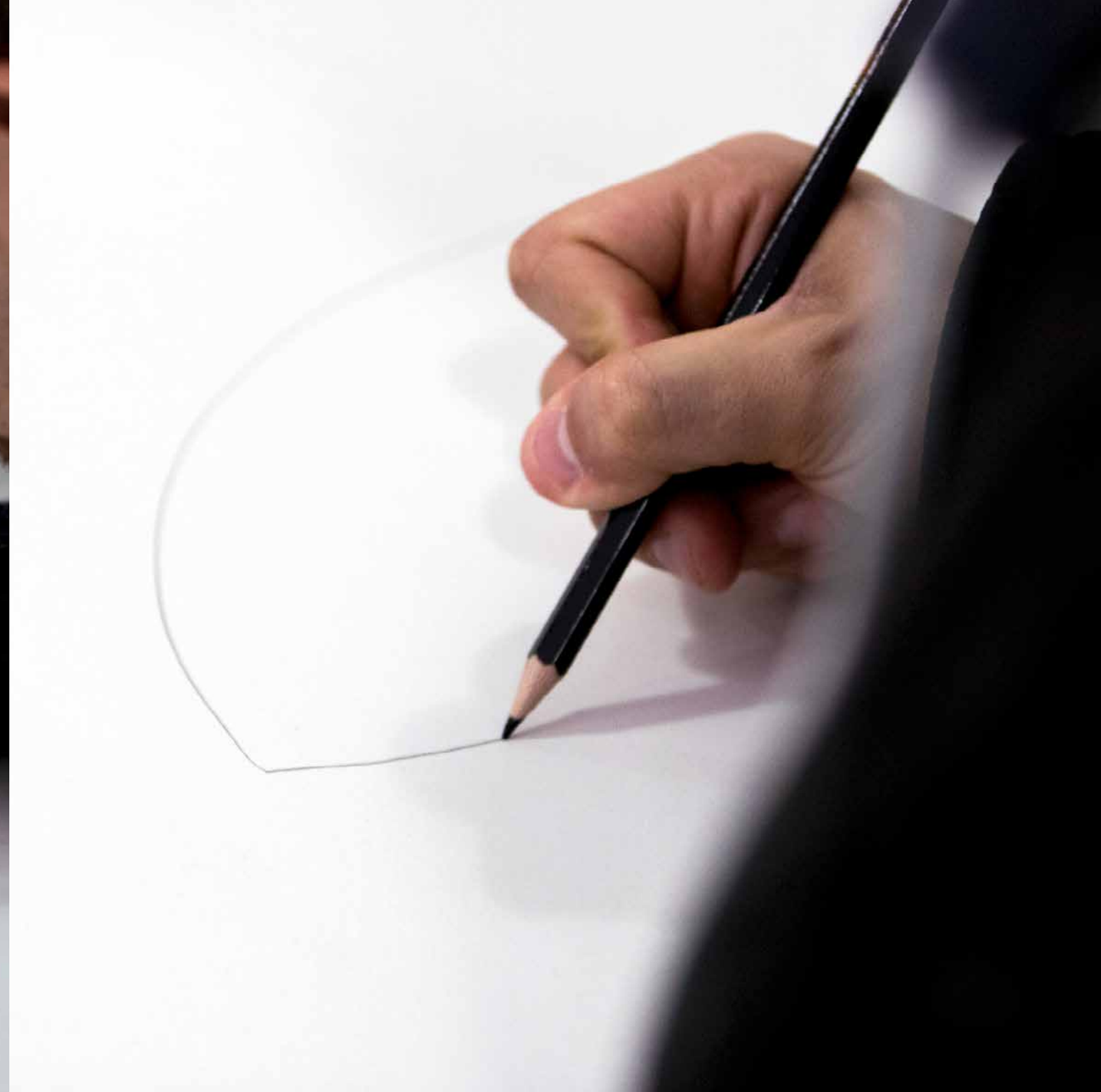
... Fig.8 a 55 Ilustração visual dos pontos 1.9.1/2/3/4 com fotografias das oficinas do projeto.

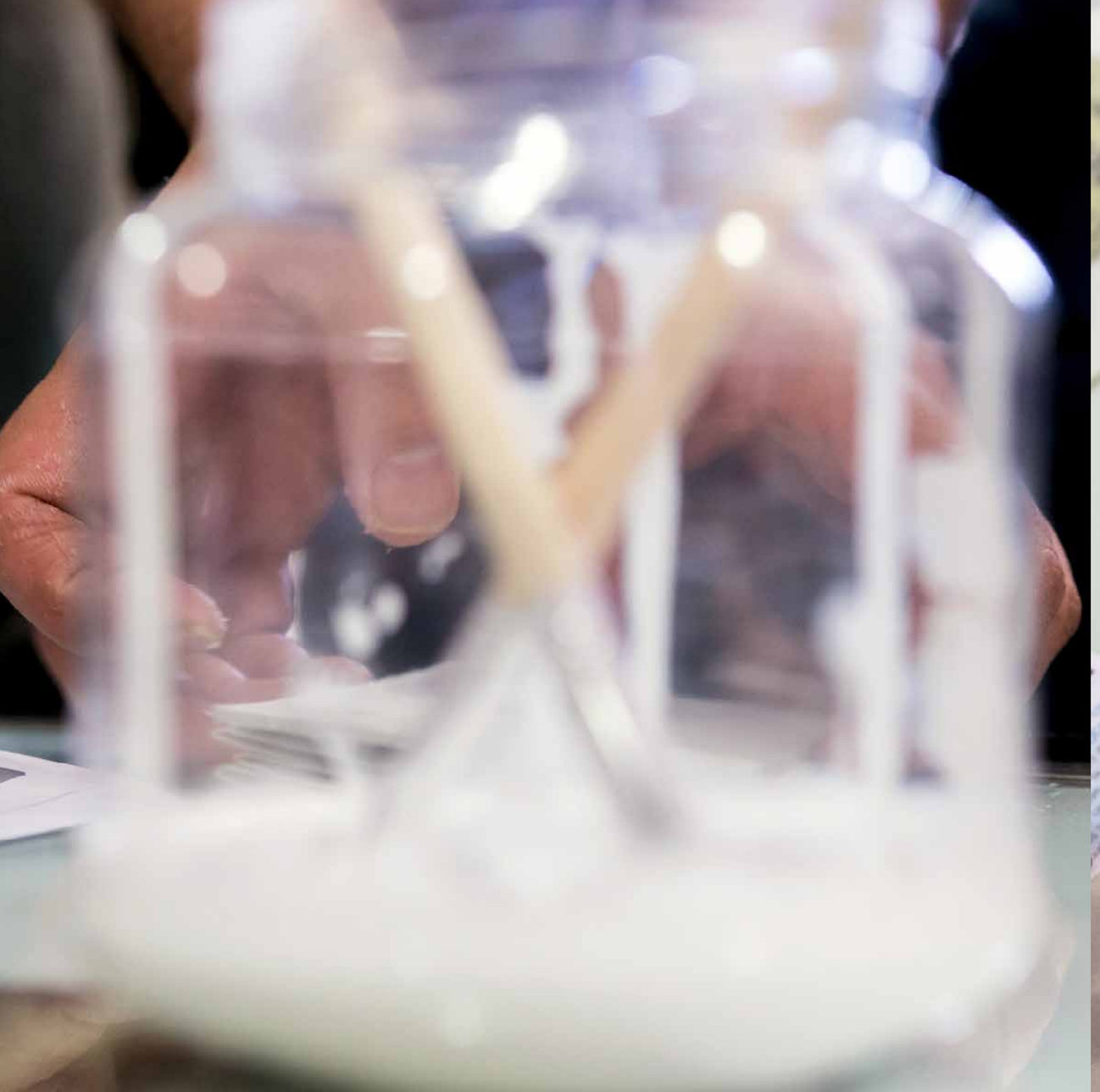
1.9.4 OS OLHOS - pontes e mãos.

O olhar gentil procura e não confronta. Liga e acolhe. Incentiva e abraça. Ao longo do projeto diversas metáforas deste olhar surgem nas criações das diversas oficinas. Olhos-mãos que trazem ao encontro.

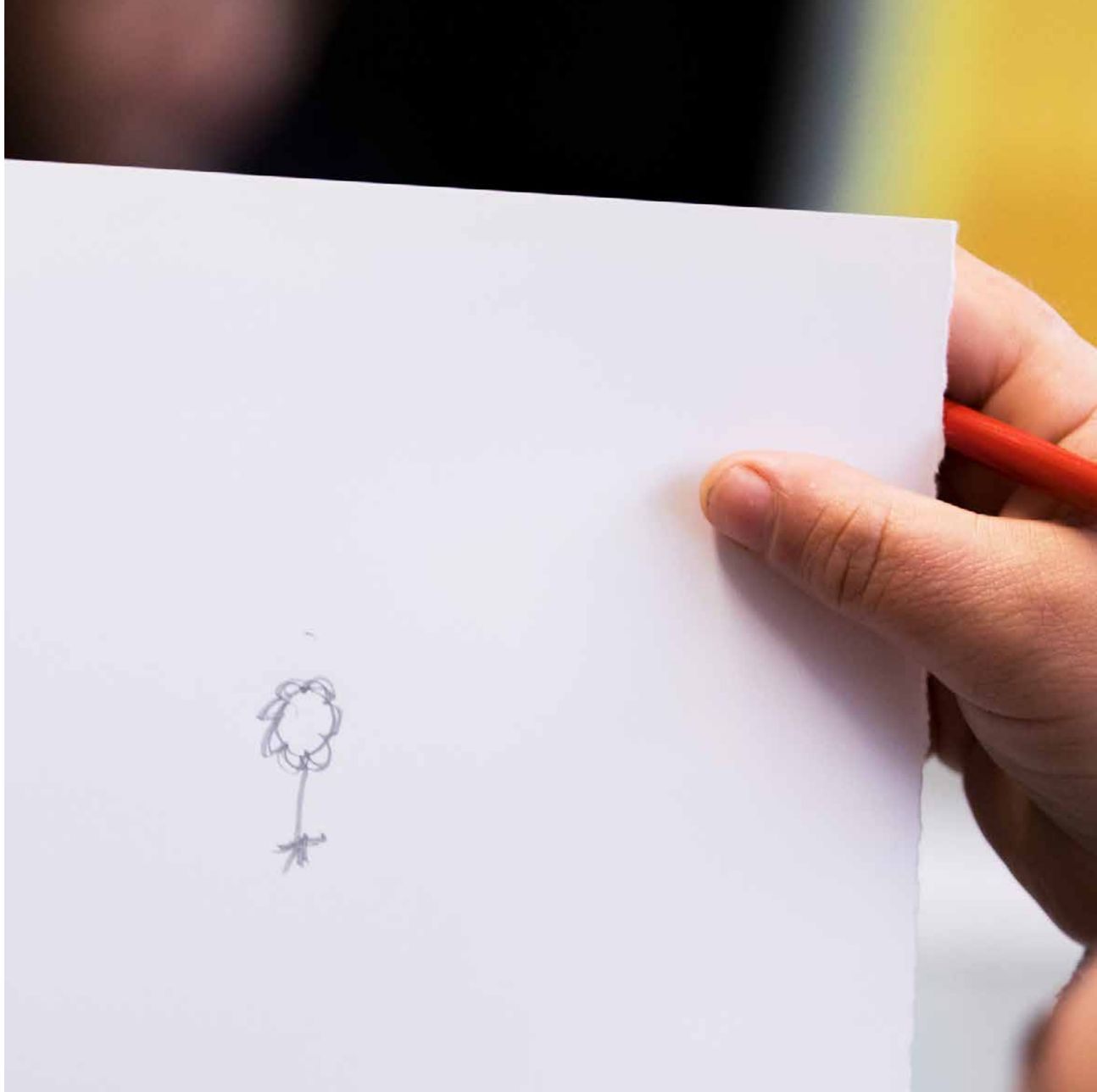


SAKYTILLYP
VARAA
LIVR
ABHAR
LIBER



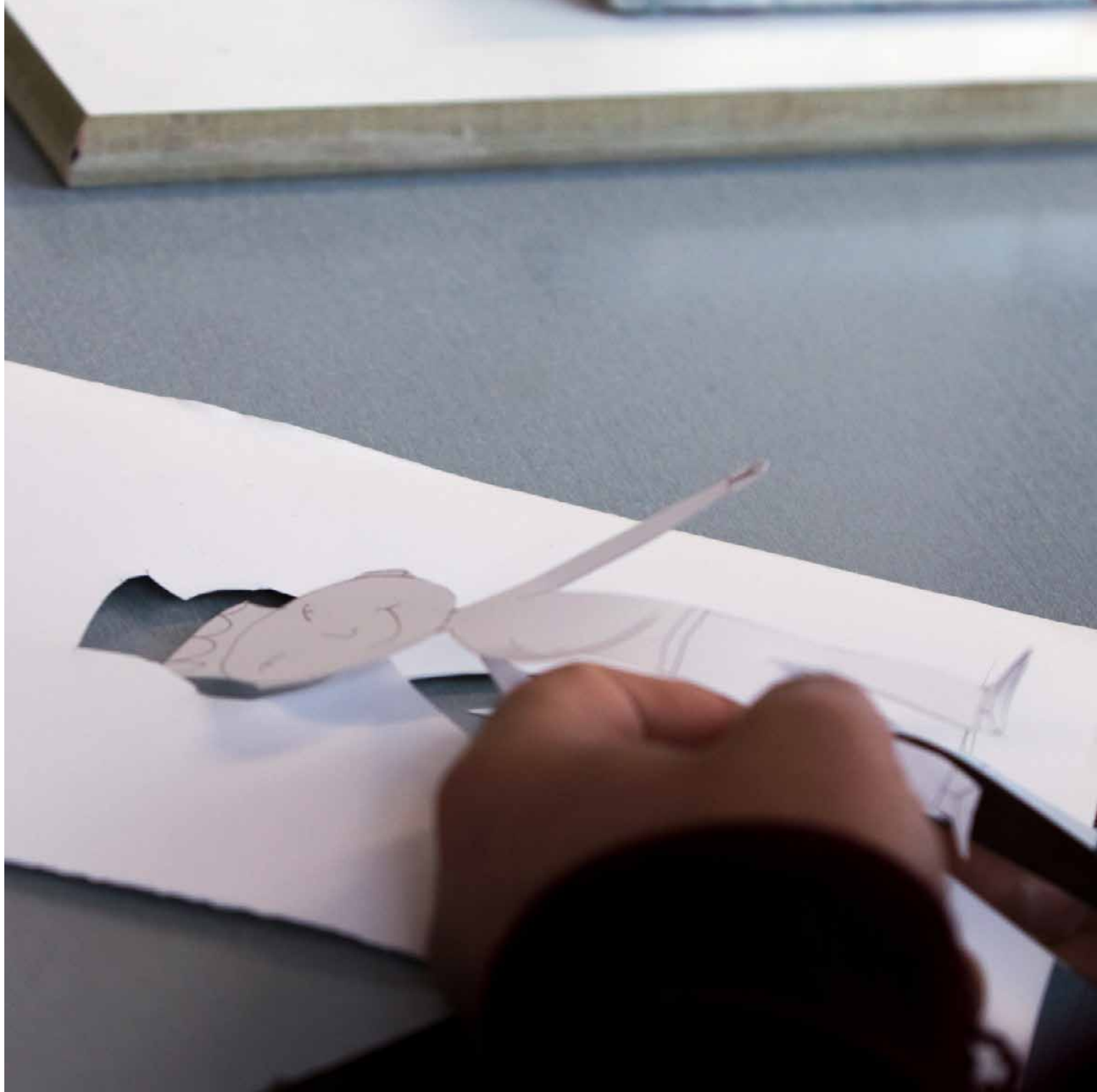


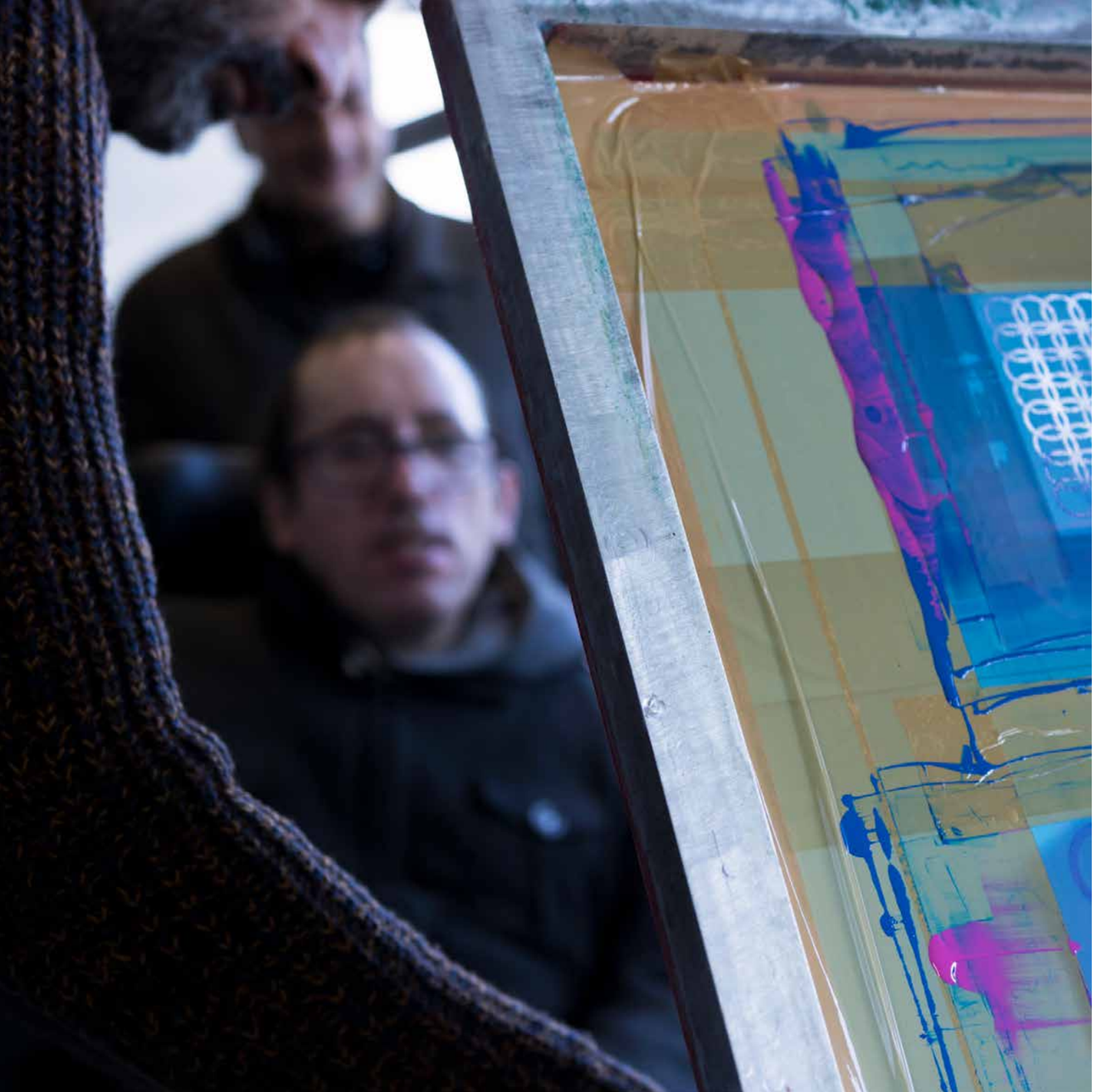
Projetos de Artes participativos:
um terceiro espaço para o companheirismo

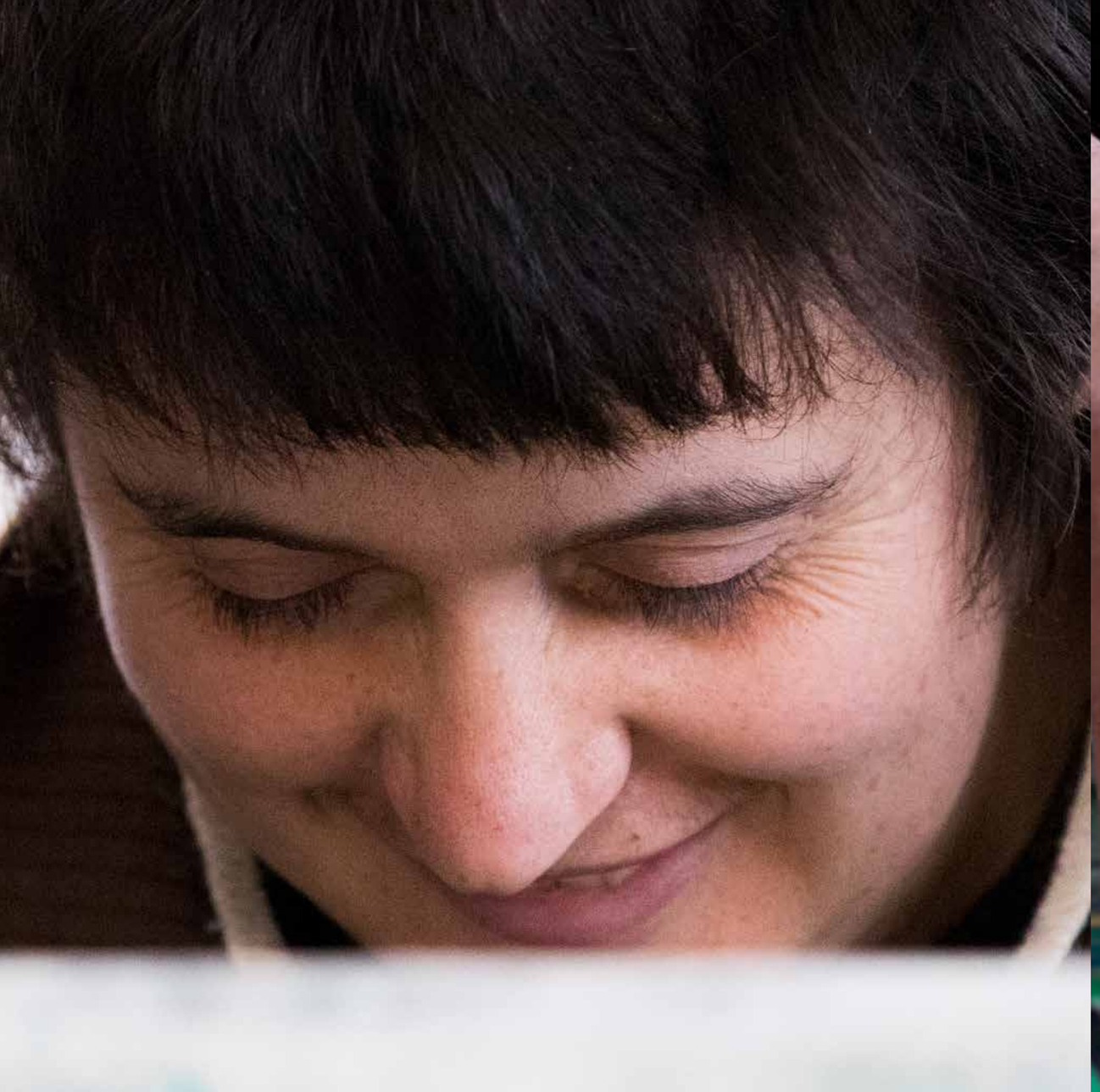


ASSOL
AVISPT

Projetos de Artes participativos:
um terceiro espaço para o companheirismo

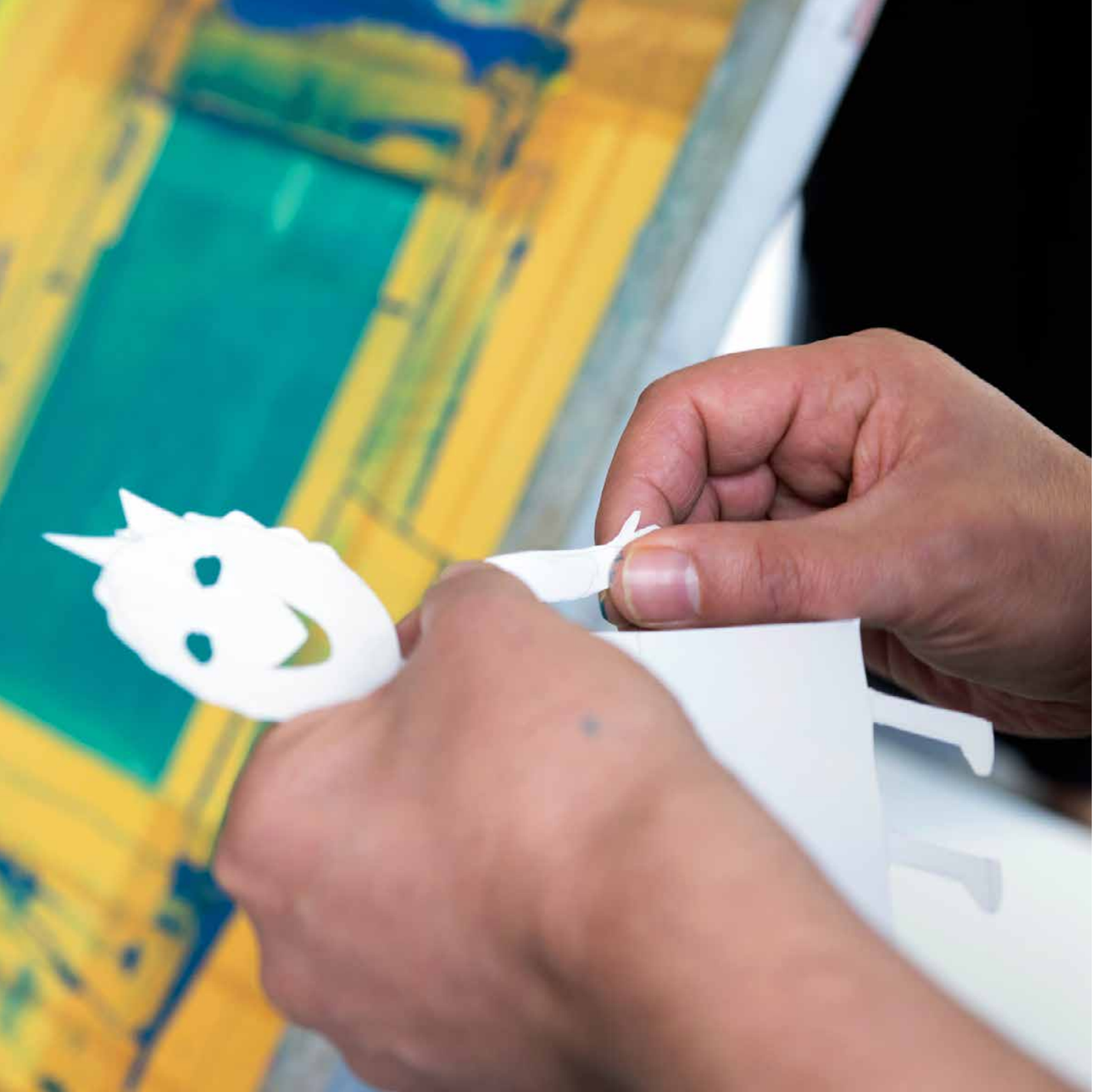






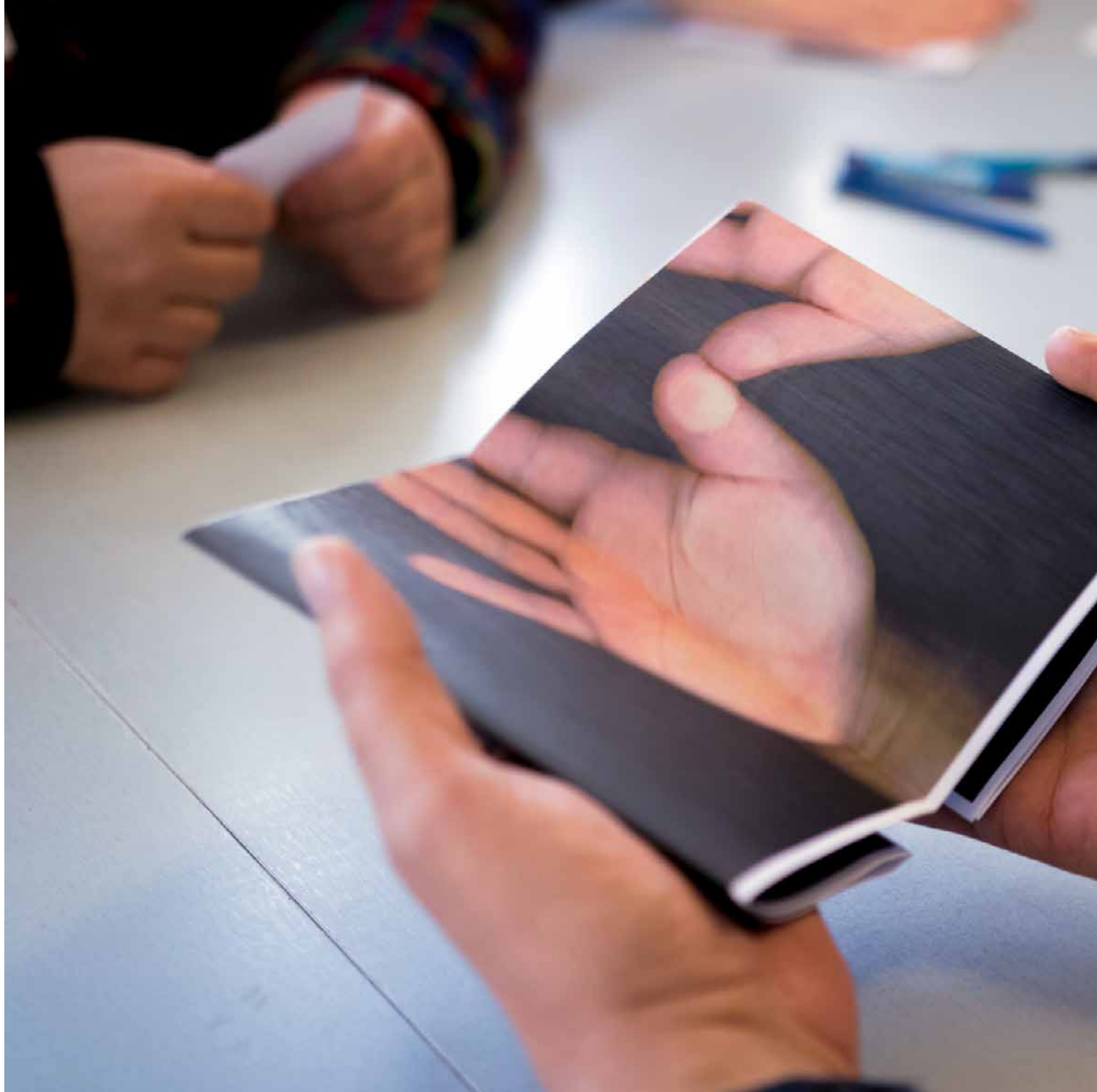
ciDalia

JOÃO



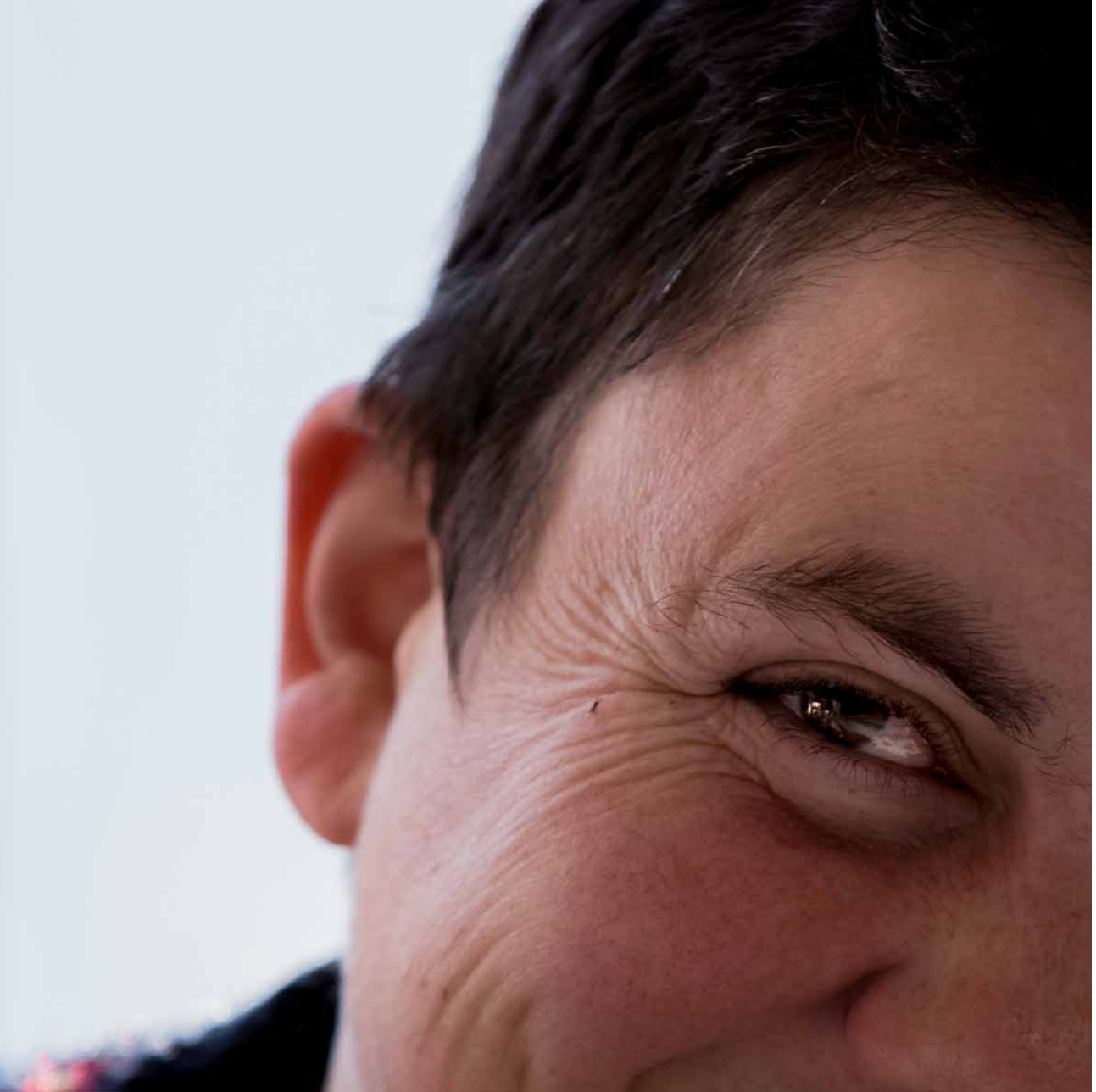
ASSOL
30 AnOs

Projetos de Artes participativos:
um terceiro espaço para o companheirismo



ÓNICA

ANTONIO
GRANDET



la escue

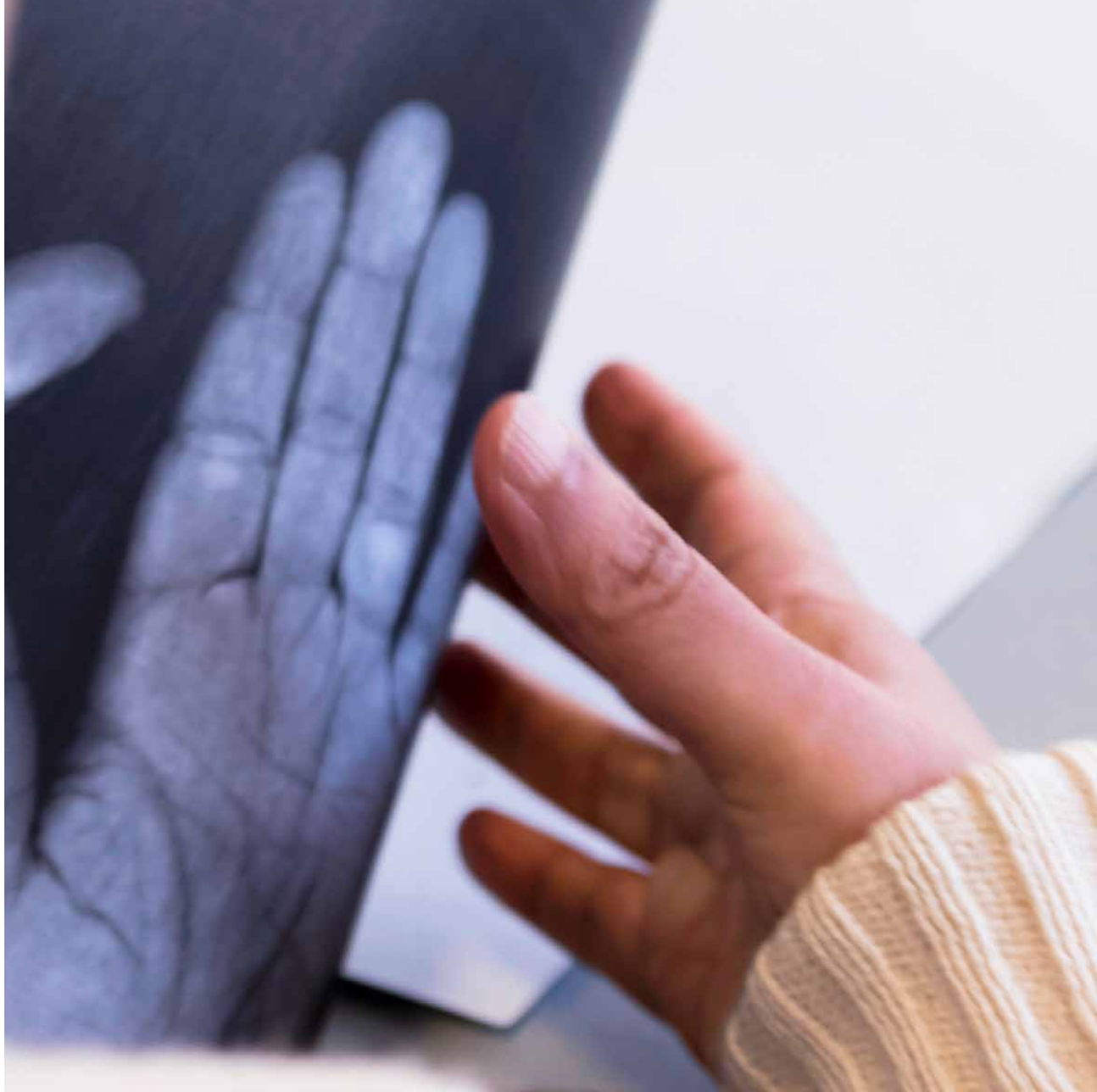
¿Que hay en un hospital?

1.- Doctores
2.- Enfermeros
3.- Pacientes
4.- Buis
5.- Dentistas
6.- Personas de limpieza
7.- Vigilantes

vigilante del hospital le gusta ayudar a las personas nunca le an faltado el respeto ni el a las personas.

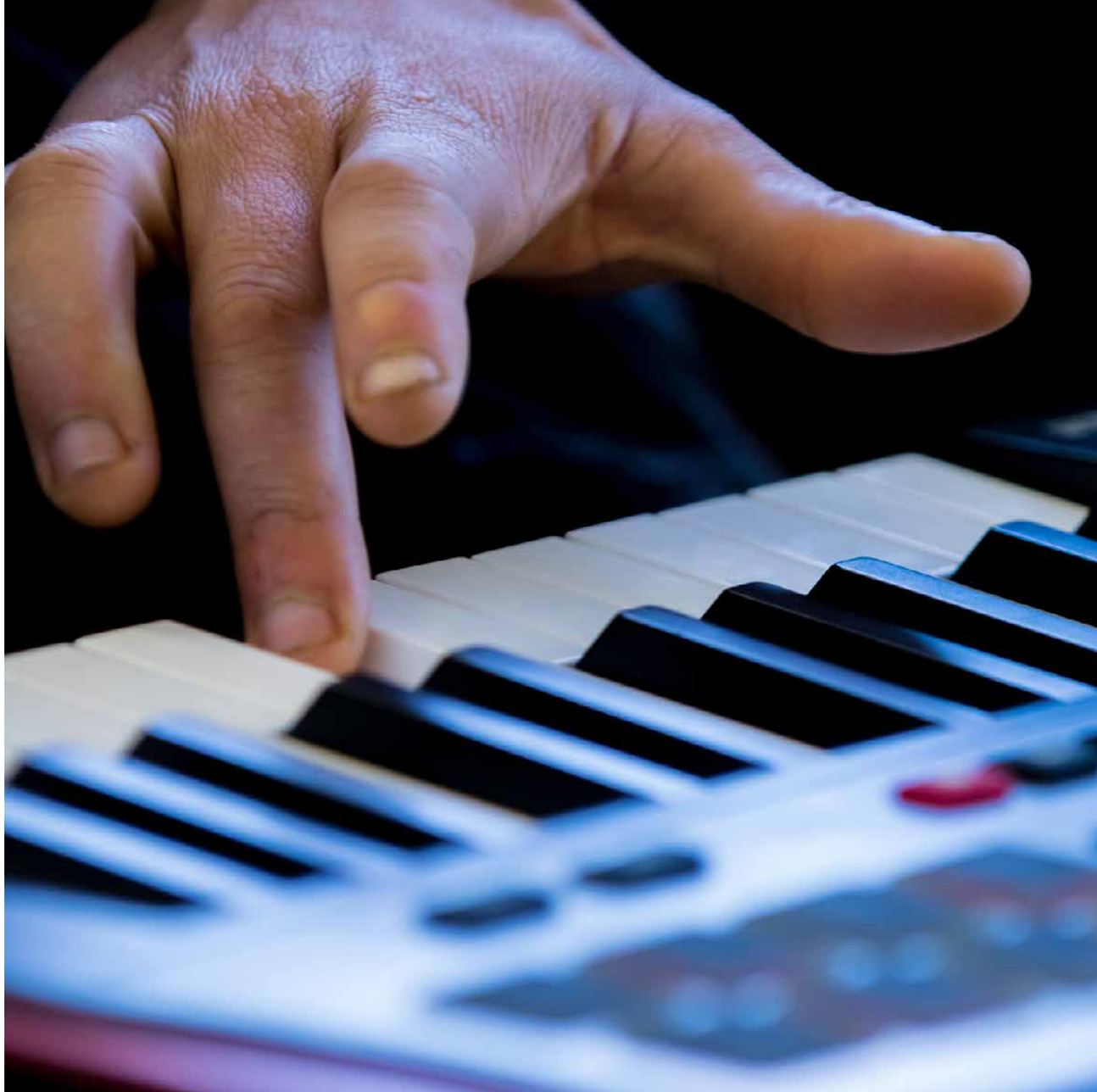
Projetos de Artes participativos:
um terceiro espaço para o companheirismo

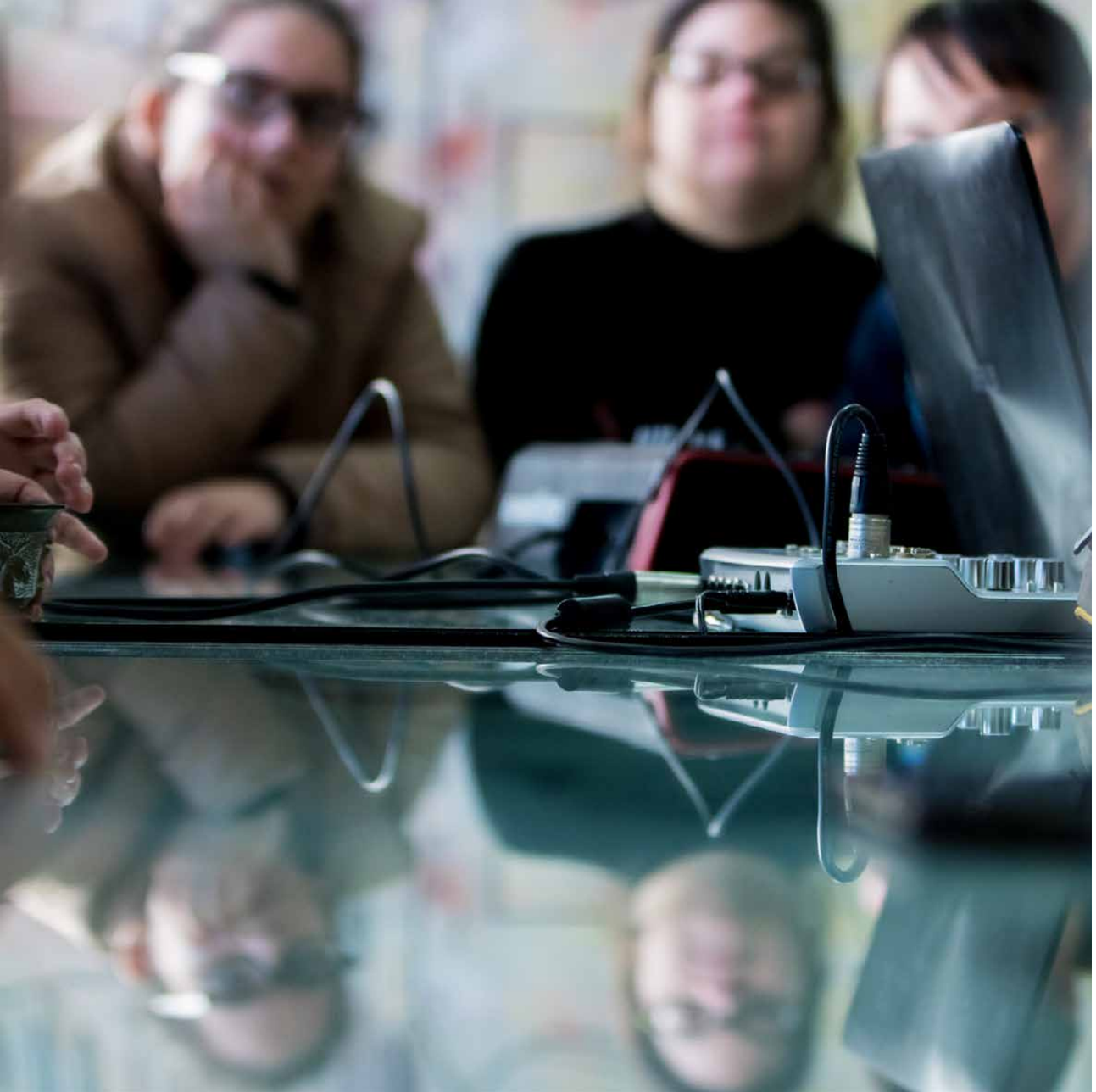
Projetos de Artes participativos:
um terceiro espaço para o companheirismo



Projetos de Artes participativos:
um terceiro espaço para o companheirismo

Projetos de Artes participativos:
um terceiro espaço para o companheirismo





> **Fig.56** Ilustração criada na oficina de serigrafia.

2 | Contributos

Aqui se apresentamos generosos contributos feitos de vontade e gentileza de facilitadores e cuidadores. São olhares pessoais e ecos das pequenas narrativas sensíveis que cada um guarda deste projeto e que irão gerar novos círculos. São fragmentos afetivos, explorações e memórias, gestos e impressões, palavras que guardam, presença que manifesta, acolhe. Um profundo bem-haja por abrirem os braços e nos incluirem nesses círculos germinantes.

> **Fig.57** Fotografia de Estrella Luna durante a oficina *Fanzine*.

2.1 | Contributo de Estrella Luna Muñoz

"Workshop Fanzine

Entre risos, lembranças e fotocópias construímos fanzines do que somos, do que sonhamos, do que sentimos. Entre palavras, caminhos, fotografias e marcas.

As palavras
Mergulhamos entre revistas procurando e construindo palavras. Recortes, cores, texturas do mar de tinta impressa.
A praia, o amor, a felicidade, o homem que sou, caminhos, sonhos, todas palavras e frases do que marcam connosco.

Os caminhos
Caminhos que se constroem ao olhar, rotas que fazemos todos os dias, nossos percursos do dia a dia, nossos encontros com aquelas pessoas que estão a olhar da janela, com o cão que está sempre na mesma rua, os cheiros da Padaria que está perto de casa, a campainha da igreja que bate cada dia de manhã.

A fotografia
A foto, uma imagem, mas uma imagem do presente para o presente, uma fotografia que é mais um reflexo de nós, só nosso espelho, da nossa representação. Uma foto de mais de mil detalhes de nós.

Marcas e traços
Traços e rastros através duma fotocopiadora, uma ferramenta, uma máquina de criação e produção de sonhos, lembranças, marcas e traços.
Fixamos as memórias do workshop no nosso fanzine, fixamos nossas marcas, nossas mãos, nossos dedos, nossas palmas. As mãos são um conjunto de traços de experiências e vivências, um reflexo também de nós, de histórias e marcas da vida, de amores e memórias esquecidas.

Nós
Em conjunto, entre todos, ouvimos, partilhamos, rimos e sentimos através da experiência, a que ficou fixada no papel, nas fotocópias, nas nossas mãos.
Depois de dobrar e desdobrar estas lembranças, construiu-se o fanzine, depois de muitas linhas, sorrisos e sussurros, criámos os fanzines de lembranças pessoais e coletivas.
Um livro de traços e de memórias da pele, como a impressão das nossas mãos."

> **Fig.58** Ilustrações criadas na oficina de serigrafia.

2.1 | Contributo de Catarina Martins e Carolina Mata

"Chegamos a uma sala onde somos recebidas com serenidade. "Já sabíamos que vinham hoje" - atira um, com sorriso anfitrião. São catorze. Rapazes, raparigas, homens, mulheres, em volta de uma mesa. Não somos as primeiras, do Circle. E, muito menos, as primeiras pessoas a visitar o grupo. É gente que está habituada a receber, a trocar ideias, a embeber-se de arte e projectos arrojados. Seríamos, possivelmente, as pessoas mais inseguras daquela sala. Sabíamos que o que propúnhamos era apenas mais uma actividade e não vínhamos salvar pátrias em risco. Ainda assim, havia alento no contributo do projecto. Circle. E nós chegamos a meio. Há algumas semanas que artistas, músicos e outras pessoas envolvidas vêm trazer novas ideias e partilhar talentos.

Nós não trazíamos nenhuma habilidade. Vínhamos escutar. Ouvir o que tinham feito, como tinham recebido, que encaixe tinham as novas aprendizagens no seu percurso pessoal. Fazer uma pausa no caminho. Perceber como se tinham completado, em cada um, as oficinas desenvolvidas. Estava bem presente cada sessão. Os nomes de cada dinamizador. Ouvimos muitas histórias. Conhecemos muitas memórias. Falaram com orgulho do trabalho que desenvolvem, do que têm aprendido com o Circle, do que também puderam ensinar.

Havíamos de voltar. Havíamos, pois. No final de tudo. Para fazer balanço, apanhar canas e apontar direcções futuras. Tivemos esse privilégio de estar depois de os actores saírem, de saber como ficou a sala e o que se fez com o que se viveu. "Já sabíamos que vinham hoje". E fechou-se este círculo.""

> **Fig.59** Na ASSOL em Oliveira de Frades.

2.1 | Contributo de Mariana Gonçalves

"A minha experiência no CCCWA.Project [CIRCLE] culmina numa das oficinas realizadas para os grupos das duas associações de Viseu: ASSOL e AVISPT21. Dirigida a adultos com menos oportunidades e / ou deficiências que frequentam estas associações para aprender algo novo e desafiador sempre que lá vão.

Para fazer algo sobre o meu campo de trabalho, inserido no CCCWA.Projeto - oportunidades de trabalho e emprego, decidimos que deveríamos aplicar um instrumento que pudesse ser usado em uma multiplicidade de casos e cenários. Nesse sentido, juntos, usamos o Padlet (uma app gratuita) para criar alguns Portfólios de trabalho, nos quais eles poderiam usar os exemplos dos projetos que realizaram em outras oficinas como Mosaicos de Som, Serigrafia, Encadernação ou Fanzines. Os grupos estavam altamente motivados e alguns deles escolheram colocar algum conteúdo pessoal, como imagens, poemas, cartas ... Foi incrível ver o esforço de todos os participantes e a alegria que a oficina lhes trouxe.

Para mim foi uma experiência incrível na qual aprendi tanto quanto ensinei. "

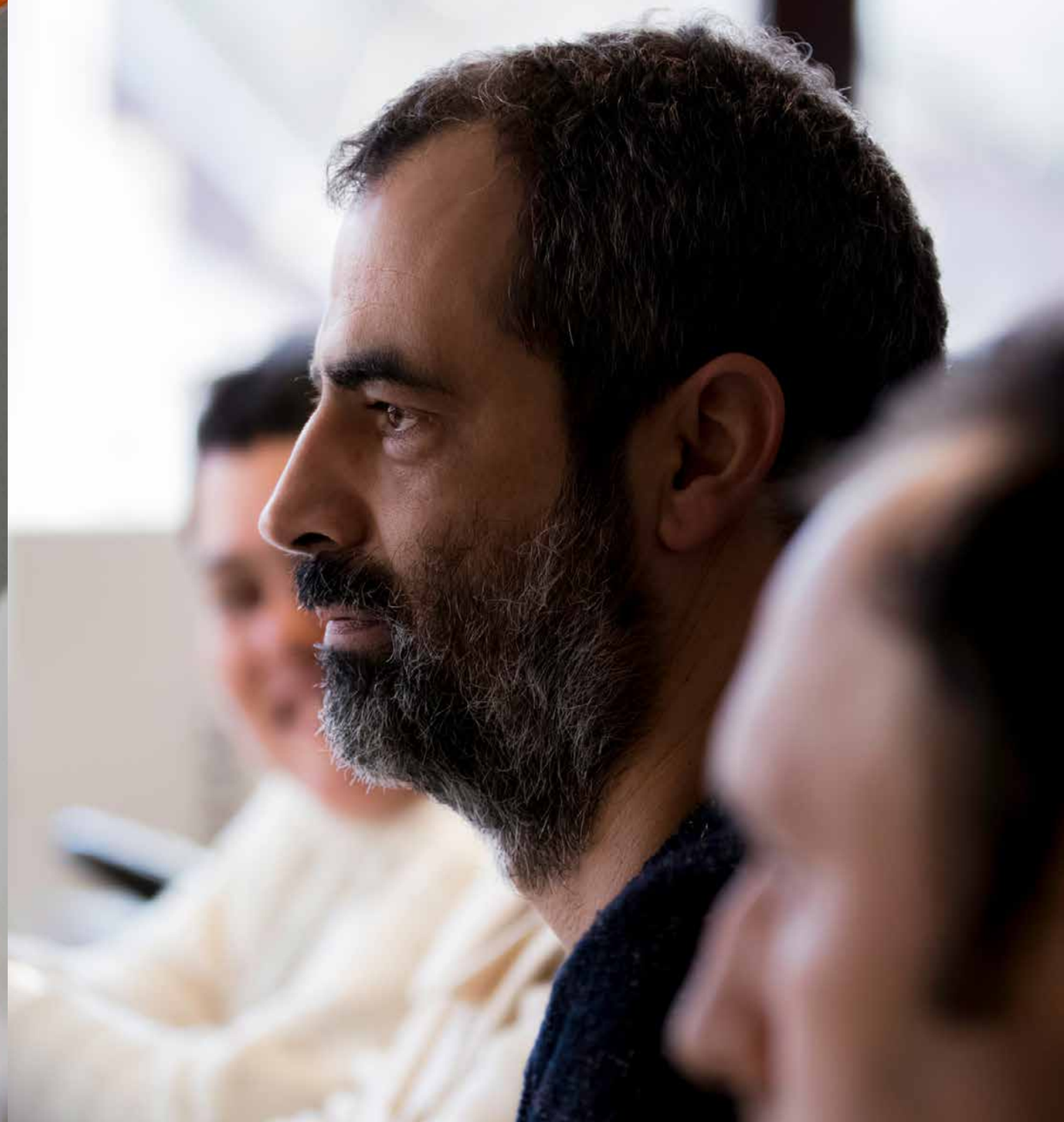
... **Fig.60** Matias Pancho durante as oficinas *Encadernação* e *Experimentar a Serigrafia*.

2.1 | Contributo de Matias Pancho

"DEVAGAR SE ENCADERNA LONGE

A Oficina de Encadernação encaderna, devagar, desde 1999, na ASSOL em Oliveira de Frades. O número de pessoas que participam na Oficina de Encadernação foi aumentando ao longo dos anos que foram passando, agora somos cerca de 20 no total, alargámos a área da mesa de trabalho e aumentámos o número de cadeiras. Para trás ficou a sala das janelas da frente da casa velha e o sótão, sítio onde estreámos a nossa prensa manual. Uma das pessoas que participa na Oficina de Encadernação definiu-a como "um espaço de trabalho e um tempo de convívio. Neste espaço produzimos por processos artesanais, livros, com as páginas em branco, de vários tamanhos e para vários fins. Episodicamente, desenhamos, fazemos linóleos, marmoreados e serigrafias. Neste tempo, desenvolvemos amizades, disputas amigáveis, confrontamos pontos de vista e regressamos a casa pessoas um pouco melhores do que à chegada." Esta última parte da definição continua, ainda hoje, a ser um dos desafios com que me deparo a maior parte das vezes, conseguir que as pessoas que fazem parte da oficina de encadernação ganhem algo de bom por estarem comigo e com os outros. Este é um dos focos principais no meu trabalho, fazer com que ao fim do dia, cada pessoa possa levar consigo boas memórias, coisas boas de que se lembrem e que ajudem a equilibrar ou a tornar menos importantes os maus momentos, as más memórias, as coisas menos boas. Cada pessoa tem as suas forças, os seus dons, as suas qualidades, cabe-me a mim conseguir abstrair-me de todas as limitações que cada um possa ter e criar uma relação onde consiga ver o outro como alguém capaz de gostar de si, de gostar dos outros e de sentir que é bom fazer coisas com os outros. O que fazemos é importante mas o modo como o fazemos também. Prefiro sempre pedir que me ajudem a fazer livros do que dizer ou pedir para fazerem isto ou aquilo. É possível ensinar sem fazer exigências. Os livros vão-se fazendo, em conjunto e no seu próprio tempo. Mais importante é conseguir boas interacções, bons momentos, conseguir trocar palavras que aqueçam e confortem, olhares que nos aproximem uns dos outros, que façam com que cada um se sinta melhor, se sinta amado e seguro por ali estar, que é bom estar a fazer coisas com os outros, em comunidade.

O Projeto CIRCLE trouxe às pessoas que são apoiadas na ASSOL boas memórias, tenho a certeza. Proporcionar às pessoas estas interacções gratificantes através das artes, traz ganhos consideráveis para qualquer um dos lados da interacção. Para o cuidador conseguir criar uma boa memória na pessoa que apoia obriga a uma concentração constante na interacção que estabelece. Para as pessoas que puderam participar nas sessões do CIRCLE foi notório a forma como gostaram de fazer parte do projecto, como aproveitaram cada oportunidade de "aprender coisas novas", de "fazer coisas bonitas" e de "conhecer pessoas diferentes". Palavras deles."



2.1 | Contributo de Sérgio Dias

"A minha experiência no CCCWA.Project [CIRCLE] culminou num dos workshops realizados para os grupos das duas associações em Viseu: ASSOL e AVISPT21.

Com base nas experiências já realizadas na minha área de trabalho, inserido no CCCWA.Project - Mosaicos Sonoros, decidi dar a conhecer o som e as suas ferramentas a pessoas que pouco ou nada conhecem. Na vida vivemos constantemente com sons ao nosso redor mas não valorizamos ou não damos a atenção devida. Acabei por dar noções rítmicas para gravarmos em conjunto e, de forma surpreendente, o feedback dos participantes foi francamente positivo. Isto decorre da magia da musica que lhes desperta os instintos mais básicos do ser humano, a nossa inocência, e nos liberta. Posso concluir que foi incrível ver a alegria, num dia diferente, através do contacto com instrumentos musicais e microfones. Esta sensação de voltar a ser criança e o deslumbramento de conhecer algo pela primeira vez, sem pensar.
O sorriso de qualquer utente destas instituições foram o concretizar dos meus objetivos.
Para mim, foi uma experiência incrível."

> **Fig.61** Fotografia tirada durante a oficina *Mosaicos Sonoros* com Sérgio Dias, na ASSOL em Oliveira de Frades.

3 | Desenhar o círculo

3.1 | REALIZAR(-ME)

Duas entrevistas com grupos de foco foram realizadas por dois avaliadores durante o projeto; uma após o 4º workshop e outra após o último workshop para avaliar as atividades. De acordo com as respostas, houve uma grande ênfase em técnicas e materiais, coisas novas que foram aprendidas e um sentimento de realização em ser capaz de produzir o que foi realizado (encadernar um livro; contar histórias no fanzine; imprimir o seu nome usando tipografia; imprimir uma imagem num papel e num têxtil; atuar usando ferramentas de música; aprender sobre fotografia digital; criar o portfólio electrónico de grupo -página da Web).

3.2 | NOTAS E CONCLUSÕES

Aprendemos muito sobre ser um artista, um educador e sobre nós mesmos durante o projeto "Circle"; ao termos descoberto um terceiro espaço onde o companheirismo é a chave para interagir com os outros. Aprendemos sobre respeitar o ritmo do grupo; estarmos abertos a novas situações; desafiando os nossos medos e formas de conexão através do amor.
Conseguimos confirmar que as práticas de arte oferecem ferramentas valiosas para nos relacionarmos com o outro, provocar encontros e criar segurança nestas relações. Como artistas, nunca havíamos refletido sobre o papel do amor incondicional pelo outro na relação estética.
O trabalho com pessoas com deficiência tem muito para ensinar aos artistas ao trazer esta nova dimensão aos que trabalham nas artes.
Elementos de pesquisa participativa foram valorizados durante o projeto: compromisso com a mudança social e empoderamento dos participantes.
Procurámos também formas de garantir a participação de pessoas com e sem deficiência, permitindo que os pontos de vista sejam equilibrados e, assim, melhorar o rigor e abrangência da pesquisa, conforme recomendado pelos pesquisadores do campo de estudos sobre deficiência (Fullana; Pallisera e Villà, 2014). 724).
Na dimensão comunitária, a aceitação do outro foi trabalhada e o sentido de pertencer a um grupo foi construído. Durante o processo entre os participantes foi criado um espaço potencial, um lugar único de partilha. Esse espaço de encontro proporcionado pela criação artística foi um espaço de comunhão e compreensão.
Trabalhar de forma transdisciplinar, entre lugares e entre pessoas faz-nos antever visões dinâmicas de trabalho para uma sociedade inclusiva. Visões que passam pelo envolvimento e diálogo através de práticas artísticas que nos unem num compromisso de mudança social e empoderamento dos participantes. Conseguimos entender a necessidade de ampliar a noção de pedagogia da arte dialógica abraçando uma dimensão de companheirismo e amor que nem sempre está em evidência.
Para além do criar espaço ao diálogo temos o deixar espaço à interrelação, esse terceiro espaço onde nos encontramos. Estando totalmente nesse tempo com, pelo e para o outro, numa interdependência que permite ao cuidador trazer da margem ao centro do círculo, que permite aprender com, pelo e para, numa espiral crescente sobre este círculo, de partilha e conhecimento.

Notas de rodapé

1 Sljepoca nije mrak, kratki film, 2014. Ivona Biocic Mandic / Blindness is not darkness, short film, 2014., Ivona Biocic Mandic (https://youtu.be/ZcgvQIsSvCA)

2 Neste artigo on-line a abordagem do "ensino gentil" é explicada: https://gentleteaching.com/ca/wp-content/uploads/sites/2/2018/12/181002-De%EF%AC%81ning-Gentle-Teaching.pdf

3 Filme de Matias Pancho sobre as atividades da oficina na ASSOL apresentado a 1 de outubro na Gentle Teaching International Conference 2018, em Breukelen, Holanda: https://www.youtube.com/watch?v=xKa-hfbE7S0&feature=youtu.be

4 C3 é um grupo de artistas; professores e pesquisadores atuantes no campo da educação artística. Página web: https://sharingsketchbooks.wordpress.com/c3/

Bibliografia

Bishop, C. (2012). Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship, London and New York: Verso.

Blandy, Doug (1994). Assuming responsibility: Disability rights and the preparation of art educators. Studies in Art Education, vol. 35, no 3, 179–187.

Derby, John (2011). Disability Studies in Art Education. In: Studies in Art Education, vol. 52, no 2, 94–111.

Derby, John (2013). Nothing About Us Without Us: Art Education's Disservice to Disabled People (2013) In: Studies in Art Education 54(4) 376-380

Foucault, M. (1988). Madness and civilization: A history of insanity in the age of reason. New York: Kandom House, (original work published 1965)

Fullana, Judith; Pallisera, Maria; Villà, Montserrat (2014). Advancing towards inclusive social research: visual methods as opportunities for people with severe mental illness to participate in research. International Journal of Social Research Methodology .Volume 17, Issue 6. 723–738.

Kallio-Tavin, M. (2013). Encountering SELF, OTHER AND THE THIRD: Reserching The Crossroads of Art Pedagogy, Levinasian Ethics and Disability Studies. AALTO UNIVERSITY. PhD Thesis

Lawson, A,, & Fouts, G. (2004), Mental Illness in Disney Animated Films. In; The Canadian Journal of Psychiatry 49, 310-314

Mandic, I. (2015). Blindness is not darkness, IMAG #1 . InSEA PUBLICATIONS

McGee, J., & Brown, M. (2007). O essencial da pedagogia da interdependência (A Gentle Teaching Primer). ASSOL, Associação de Solidariedade de Lafões

Rankanen, Mimmu (2016). The visible spectrum : participants' experiences of the process and impacts of art therapy. Helsinki: Aalto University https://aaltodoc.aalto.fi/handle/123456789/23533

Richardson, Jennifer Eisenhauer (2018). "A Visual Culture of Stigma: Critically Examining Representations of Mental Illness" In: Art education, Reston Virginia: NAEA

Van de Siepkamp, P; M. McCrovitz, A, Vincent, M. (2018). Defining Gentle Teaching, Amsterdam: Gentle Teaching International. Available at https://gentleteaching.com/ca/wp-content/uploads/sites/2/2018/12/181002-De%EF%AC%81ning-Gentle--Teaching.pdf , Accessed 28-04-2019.

Wexler, Alice (2016). Re-imagining Inclusion/ Exclusion: Unpacking Assumptions and Contradictions in Arts and Special Education from a Critical Disability Studies Perspective. In: The Journal of Social Theory in Art Education / Volume 36 , 32-42.

Wilson, B. (2008). 'Research at The Margins of Schooling: Biographical Inquiry and Third-Site Pedagogy', International Journal of Education through Art 4: 2, 119–130

Ficha técnica

Autores: Raquel Balsa e Teresa Torres Pereira de Eça
raquelbalsa@gmail.com | teresatorreseca@gmail.com

Título: Círculo: Um Projeto, Um Artigo, Seis Contributos

Ano: 2019

DOI: 10.24981/C2019

Design, paginação, fotografia: Raquel Balsa

Circle of competences for community work with adults

Co-funded by the Erasmus+ Programme of the European Union

ASSOL
AVISP
ASSOL
AVISP